

DIVERSIDADE NA UFPEL: AS NOVAS FORMAS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO TRAZIDAS PELO SISU

Thaís Aldrighi da Silva Blank¹
Caroline Dutra Bilhalva²
Lorena Almeida Gill³

RESUMO

O presente trabalho remete a uma pesquisa realizada por bolsistas do grupo PET (Programa de educação tutorial) Diversidade e Tolerância referente à diversidade de alunos presentes em nossa instituição, em especial após o novo método de ingressar na universidade denominado “SISU”, o qual permitiu o acesso de alunos que antes não prestavam vestibular na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) devido ao deslocamento, hoje podem realizar o exame avaliativo em sua cidade de origem de uma forma fácil e precisa, o que facilita muito a vinda de estudantes para nossa instituição, bem como a ida de pessoas de Pelotas para instituições de nível superior de outras cidades e até mesmo estados.

Palavras- chave: Preconceitos. Migrações. Diversidade. Tolerância.

1 INTRODUÇÃO

A busca por aumentar o potencial inclusivo nas universidades fez com que políticas públicas fossem criadas a fim de fomentar este interesse, conseqüentemente cria-se o Sistema de Seleção Unificada (SISU) como forma de ingresso em diversas instituições do país. Estas políticas abarcam o princípio da inclusão social onde aquele que de certa forma ficava a margem, hoje consegue uma oportunidade de ocupar uma cadeira na academia. O vestibular que anteriormente possuía características próprias de cada instituição de ensino superior, atualmente conta com um sistema unificado e de abrangência nacional. A UFPEL adotou o SISU como a única forma de ingresso na universidade em dois mil e dez, o que ocasionou visíveis mudanças no contexto acadêmico.

As mudanças vão desde a mobilidade regional, que ocorre com o deslocamento maciço de estudantes de outras regiões com destino a UFPEL, até características culturais, e um dos aspectos que estão relacionados a esta mobilidade é o novo formato de seleção, o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), que oportunizou a muitos estudantes, pois estes fazem as provas em sua cidade natal e após obterem o resultado da avaliação se inscrevem nas instituições que aderiram ao novo modelo de seleção pela internet. Outro aspecto foi a criação de novos cursos e a expansão das vagas oferecidas, o que facilitou o ingresso dos mesmos.

¹ Aluna do Curso de Geografia da Universidade Federal de Pelotas.

² Aluna do Curso de Geografia da Universidade Federal de Pelotas.

³ Professora Associada do Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas

A pesquisa “Diversidade na UFPel” teve início no primeiro semestre de 2011, pelo grupo PET Conexões de Saberes, cuja temática central é abordar a diversidade e a tolerância. Nesta perspectiva despertou algumas curiosidades em relação ao perfil desses alunos, suas expectativas e experiências, bem como a preparação da instituição para receber estes novos discentes. Assim, o objetivo da pesquisa é investigar os tipos de preconceitos que ocorrem neste novo meio acadêmico que está se formulando, as inclusões e as exclusões e o que está sendo feito pela universidade para permanência dos alunos.

2 METODOLOGIA

Na primeira etapa da pesquisa foi feita uma revisão bibliográfica e análise em fontes primárias, também foram coletadas informações no banco de dados informatizado do DRA (departamento de registros acadêmico). Em segundo momento quatro bolsistas do PET Diversidade e Tolerância se reúnem semanalmente no DRA para coletar os dados necessários para a pesquisa.

O objetivo é analisar o novo corpo discente da nossa instituição, que ingressaram através do SISU nos primeiros e segundos semestres de 2010 e 2011. Analisamos todas as fichas que se enquadram nesta proposta, e delas coletamos informações como: Lugar de origem, estado, sexo, ano de nascimento, etnia, profissão dos pais, se é oriundo de escola pública, entre outros. Os cursos estão arquivados por ordem alfabética, bem como a listagem dos alunos de cada um, o que faz com que demore mais a localização, pois na letra “A” por exemplo, aparecem todos os estudantes desde 2005 até 2011. Assim, até o presente momento analisamos um curso (Agronomia), e os dados referentes até o último aluno que o nome começa com a letra “L” (exemplo: Lucas) .

No transcorrer da pesquisa utilizaremos também a história oral temática, onde as entrevistas seguem um roteiro básico, sendo gravadas e depois transcritas. Intencionam-se realizar entrevistas com estudantes que ingressam de outras regiões para saber como está sendo seu período estudantil, quais as principais dificuldades encontradas para se manter em uma cidade distante da sua, e quais os pontos positivos encontrados na instituição.

Também será feita entrevistas com alunos que por diversas vezes tentaram ingressar na universidade e que só obtiveram êxito após a substituição dos antigos vestibulares pelas provas do ENEM.

3 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO

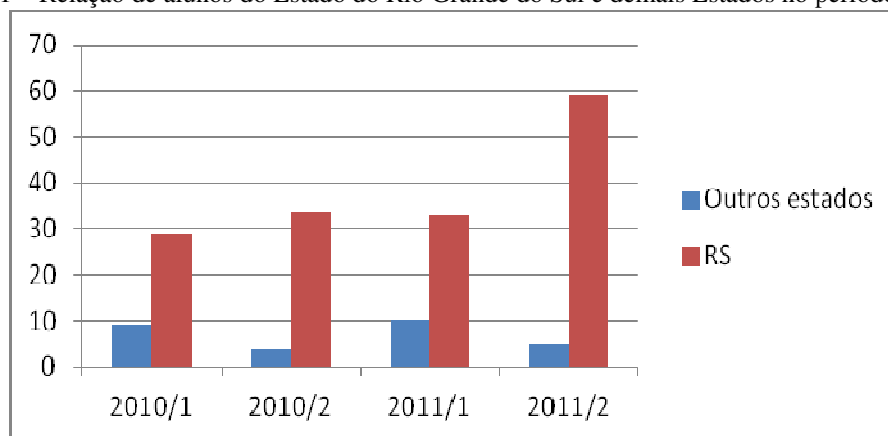
Vivemos em um país onde cada vez mais é comum ouvir falar em mobilidade populacional, e esta mobilidade remete à procura por empregos, por melhores terras para o plantio, para estudos, são de enfoque político, religioso, econômico, entre outros. Essas Migrações de acordo com Le Bras (2002) *apud* Jardim (2011, p.59)

Correspondem a toda mudança de lugar realizada pelas pessoas, que pode referir-se tanto a um deslocamento de casa ao trabalho, durante um determinado tempo (pode variar até uma hora ou mais por dia), o que se denomina movimento pendular (*commuter*), quanto de uma semana, um mês (cujo motivo pode ser uma viagem de férias, por exemplo), vários meses (migração sazonal) ou mudar de residência sem pensar voltar para o lugar de origem. Neste caso, podemos falar de migração ou de mobilidade residencial no interior do município de residência.

Na pesquisa realizada até o presente momento, nos demonstram à diversidade que se formou dentro da universidade devido essas migrações, o que resultou ao mesmo tempo inclusões, exclusões e claro, muitos preconceitos, e esses são os mais diversos como de gênero, etnia, entre outros, fazendo aumentar a responsabilidade que temos como estudantes acadêmicos e integrantes desta sociedade, que é rica em diversidade e que não trabalha adequadamente com a tolerância.

Segundo a pesquisa que está sendo realizada sobre os alunos que ingressaram no curso de agronomia desde o surgimento do SISU (2010/1) até os três próximos ingressos (sendo que foram analisados por ordem alfabética, e a pesquisa foi realizada até o último nome da letra “L”), foram avaliadas 183 fichas, onde encontramos pessoas mais distintas possíveis, e de estados mais diversos, como Amazonas, Acre, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, entre outros.

Gráfico 1 – Relação de alunos do Estado do Rio Grande do Sul e demais Estados no período avaliado.



Fonte: DRA - UFPel

Dados preliminares apontam um número considerável de alunos vindos de outros estados em busca do Curso de Agronomia. Das cento e oitenta e três fichas analisadas, vinte e oito dos estudantes não são do Rio Grande do Sul. Para Brito (2009, p.6) a migração [...] é positiva e necessária, para o desenvolvimento do capitalismo e da sociedade, assim como delimita uma estratégia “racional” para a melhoria de vida do migrante. Porém existe um grande número de estudantes (principalmente de Pelotas) que não concordam com esse novo modelo de ingresso adotado pela instituição, pois acreditam que os que vêm de outros estados estão inviabilizando o ingresso de quem é da própria cidade, o que acarreta no primeiro passo para o preconceito com os colegas

O preconceito quanto à origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato de pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província, de um estado, de uma região, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, [...] culturalmente inferior. Estes preconceitos quase sempre estão ligados e representam desníveis e disputas de poder e nascem de diferenças e competições no campo econômico, no campo político, no campo cultural, no campo militar, no campo religioso, e nos campos dos costumes e das idéias. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.11)

O termo diversidade está muito relacionado com tolerância. Nos tempos de hoje, falar em diversidade significa reconhecer o ser humano como ele é, garantir sua existência, ver a si mesmo no outro, mesmo com todas as diferenças e contradições. É deixar-se “contaminar” por culturas diferentes, por outras ideologias e religiões. O hábito da mestiçagem, na troca de culturas está na raiz da diversidade, pois se não houvesse essa “mistura”, não existiria a diversidade. Para Freire, a tolerância assume diferentes posições como ética, associadas à liberdade e a solidariedade, é vista como dever de todos nas suas relações com os outros

O que a tolerância autêntica demanda de mim é que eu respeite o diferente, seus sonhos, suas idéias, suas opções, seus gostos, que não o negue só porque é diferente. O que a tolerância legítima termina por ensinar é que, na sua experiência, aprendo com o diferente. (FREIRE, 2005, p.24)

Para tratar da diversidade humana nas instituições de ensino, em primeiro lugar precisamos compreender quem somos (grupo), ou quem sou (indivíduo), e esse reconhecimento é fundamental, pois o ser humano preza muito a vida social, então surgem as exclusões sociais. Mas para existir respeito à diversidade, é necessário que todos sejam reconhecidos como iguais em dignidade e direito.

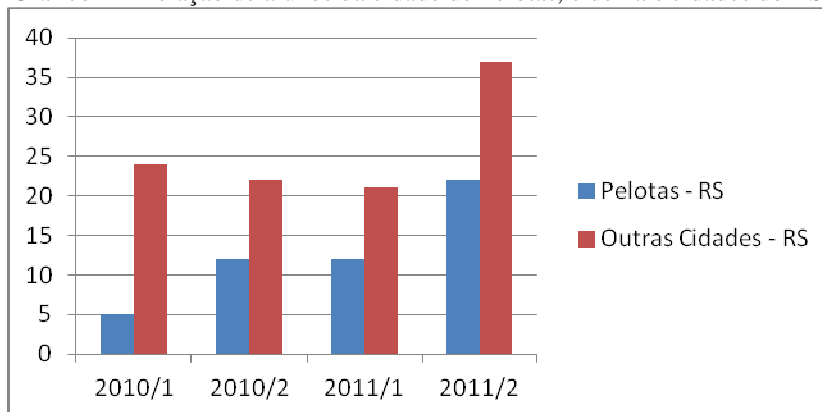
Consciente ou inconsciente nos identificamos mais facilmente com aqueles que têm as mesmas formas de pensar que nós, torcem para o mesmo time de futebol, tem a mesma religião, etnia, mas essas características não definem o caráter das pessoas. Albuquerque Júnior (2007, p.13) afirma:

O estereótipo lê o outro sempre de uma única maneira, de uma forma simplificador e acrítica, levando a uma imagem e uma verdade do outro que não é passível de discussão ou problematização. O estereótipo constitui e institui uma forma de ver e dizer o outro que dá origem justamente a práticas que o confirmam ou que o veiculam, tornando-o realidade, à medida que é incorporado, subjetivado. O cabeça-chata é uma forma estereotipada de dizer o que é o nordestino, reduzindo-o a seu corpo e este à sua cabeça e generalizando um dado formato de crânio, que é encontrado em algumas populações que vivem na região, para todo e qualquer habitante deste espaço. Da mesma forma que dizemos que todo judeu tem nariz adunco ou pensamos que todo o alemão tem os pés grandes ou são altos.

Os preconceitos são muito internalizados, e nascem quase sempre dentro do ambiente familiar, fazendo com que o combate se torne uma ação complexa, necessitando de um envolvimento extremo para poder obter êxito. Para isso precisamos conscientizar a todos, a fim de tornar a nossa universidade um lugar onde ocorra trocas culturais e de conhecimento.

Após a análise quantitativa dos alunos do Rio Grande do Sul em relação aos outros estados, desmembramos a pesquisa a fim de comparar o número de estudantes da cidade de Pelotas com os alunos que vem de todo o Estado gaúcho em busca de uma graduação, e percebemos uma maior diversificação. Dos 155 alunos do nosso estado, somente 51 são Pelotenses, o que deve implicar em um aumento da estrutura da UFPel para receber estes alunos como casa do estudante, auxílio alimentação, transporte, entre outros.

Gráfico 2 – Relação de alunos da cidade de Pelotas, e demais cidades do RS.



Fonte: DRA - UFPel

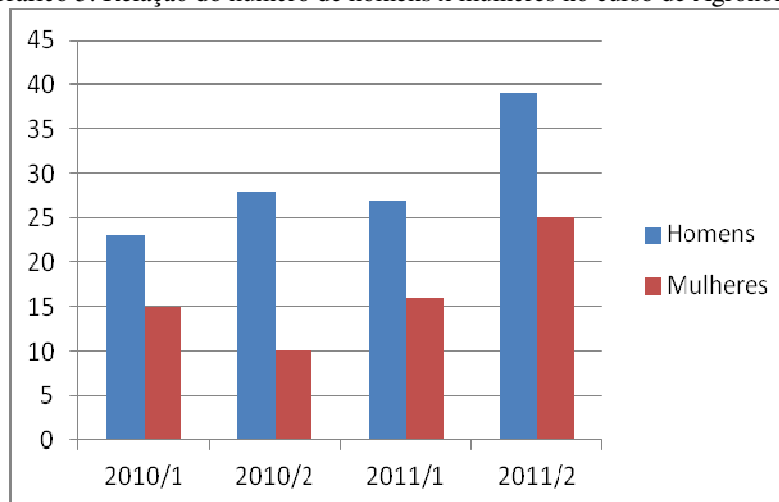
Baeninger (2008) *apud* Oliveira *et.al* (2011, p.40) aponta que os novos espaços da migração estariam mais relacionados com o âmbito de suas próprias regiões, uma vez que é mais fácil um aluno “gaúcho” permanecer em uma instituição de ensino superior também gaúcha, que um aluno “paulista” por exemplo. A distância é consideravelmente menor, o que permite que se desloque para sua casa (família) em feriados, finais de semana, com muito mais facilidade. Os hábitos também são mais semelhantes, o costume com a temperatura (frio), etc. Além da presença de alunos “vizinhos”, que vem de cidades como Rio Grande, São Lourenço, Turuçu, Canguçu, Morro Redondo, Capão do Leão, e outras.

Mesmo em menor intensidade, esses também sofrem discriminações por parte dos estudantes de Pelotas, e principalmente pelos que não conseguiram o ingresso no curso, e isso gera uma outra forma do preconceito por origem geográfica chamada “etnocentrismo”. Para Albuquerque Júnior (2007, p. 34)

Etnocentrismo é a tendência que nós temos de considerar a nossa própria cultura como parâmetro para medir e julgar todas as outras culturas, quase sempre considerando nossos padrões culturais como superiores ou como modelos que devem ser generalizados universalmente. O etnocentrismo trata da relação entre um nós (grupos social ou cultural a que se pertence) e os outros, que estão dele excluídos ou dele diferem.

O último aspecto analisado até o momento foi à presença feminina em cursos como o de Agronomia, que é mais notória que se imagina, remetendo à quebra do ditado onde a mulher possui maior domínio em profissões que remetem ao afeto (mãe), sensibilidade e emoção.

Gráfico 3: Relação do número de homens x mulheres no curso de Agronomia



Fonte: DRA – UFPel

Das cento oitenta e três fichas analisadas, sessenta e seis remetem ao sexo feminino, isso implica em 36,06% dos estudantes de agronomia, dado relativamente alto, se pensado que “mulher faz pedagogia e homem cursos como agronomia e veterinária”. Para Louro (1997, p. 77), gênero refere-se “ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto”. Isso quer dizer que não é propriamente a diferença sexual de homens e mulheres que delimita as questões de gênero, e sim as maneiras como ela é representada na cultura através do modo de falar, pensar ou agir sobre o assunto.

4 CONCLUSÃO

Somos um país de nômades e migrantes, como somos e fomos desde o princípio um país de degredados, desterrados, aventureiros, imigrantes, sertanistas, deportados e seqüestrados, o que nos tornou este país e este povo aberto e receptivo a todos os que chegam, venham de onde vierem, mas que também marcamos a todos com estigmas, estereótipos ou preconceitos maneiras de lidar com estas diferenças, de torná-las compreensíveis, de reduzir o estranhamento, de domar o medo do desconhecido, que podem não aparecer como grandes movimentos xenófobos ou racistas organizados e militantes, mas que envenenam nosso dia-a-dia e se manifestam e explodem, muitas vezes na pequena querela do cotidiano, na briga do boteco, na discussão no ônibus, no momento de se permitir o namoro da filha ou de aceitar em casa o amigo do filho. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.88)

O termo diversidade então, diz respeito à variedade e convivência de idéias, características ou elementos diferentes entre si, em determinado assunto, situação ou ambiente. E a tolerância é um complemento da diversidade, pois define o grau de aceitação diante de um elemento contrário a uma regra moral, cultural, civil ou física, ou seja, é a capacidade de uma pessoa ou grupo aceitar a diversidade.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar - As fronteiras da discórdia**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 135 p.

BECKER, Fernando. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, Jan./Jul. 1994.

BRITO, Fausto (2009), “**As migrações internas no Brasil: Um ensaio sobre os desafios teóricos recentes**”. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 20p.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: UNESP, 2005.

JARDIM, Antônio de Ponte (2011), “Movimentos pendulares: Reflexões sobre a mobilidade pendular”, *in* OLIVEIRA, Luis Antônio Pinto e OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro (orgs.), **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e estatística, 58-70.

LOURO, Guacira. Gênero e magistério: identidade, história e representação. In: CATTANI, Denise et al. (Org.). **Docência, memória e gênero. Estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro; ERVATTI, Leila Regina e O’NEILL, Mª Mônica (2011), “Migrações internas: O panorama dos deslocamentos populacionais no Brasil: PNADs e censos demográficos”, *in* OLIVEIRA, Luis Antônio Pinto e OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro (orgs.), **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e estatística, 28-48.